

UM ANO SEM ESCOLAS! NARRATIVAS DE CRIANÇAS EM TEMPOS (IM)PREVISTOS

A YEAR WITHOUT SCHOOLS! CHILDREN'S NARRATIVES IN (UN) EXPECTED TIMES

Juliane dos Santos Amorim

Doutora em Biologia Celular pela Universidade Federal de Minas Gerais (Belo Horizonte/Brasil).
Professora Assistente na Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas Câmpus VI (Caetitê/Brasil).
E-mail: juliane.jsa@gmail.com

Larissa Monique de Souza Almeida Ribeiro

Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Vitória da Conquista/Brasil).
Professora Substituta na Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias Câmpus XX (Brumado/Brasil).
E-mail: larymonik2@hotmail.com

Elenice de Brito Teixeira Silva

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (Belo Horizonte/Brasil).
Professora Assistente na Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação Câmpus XII (Guanambi/Brasil).
E-mail: elenteixeira@yahoo.com.br

Recebido em: 25 de abril de 2021

Aprovado em: 13 de julho de 2021

Sistema de Avaliação: Double Blind Review

RPR | a. 18 | n. 3 | p. 113-138 | set./dez. 2021

DOI: <https://doi.org/10.25112/rpr.v3.2571>

RESUMO

Este texto é sobre as infâncias que lemos e inferimos em narrativas de crianças. Nele, os tempos que oferecemos às crianças, seus processos coletivos de cuidado e educação, seus modos de participação nas pesquisas e as perspectivas de futuro frente à conjuntura atual constituem partes que se conectam ao objeto de reflexão. As discussões fazem parte da pesquisa sobre as experiências das crianças durante a pandemia de Covid-19, sobre como esse fato social circunscreve muitas mudanças na organização familiar, nas relações com as pessoas e lugares. A pandemia narrada pelas crianças segue o fluxo dos acontecimentos, como o fechamento das escolas no primeiro semestre de 2020, a ampliação das restrições de locomoção, o discurso da emergência da vacina e, por fim, a permanência do quadro social anterior, a descoberta da vacina e o aumento do número de mortes. O argumento principal é o de que as crianças são afetadas por estas mudanças que são registradas nas perguntas, relatos, diálogos e fotografias. Portanto, ler as narrativas das crianças como construções culturais nesse tempo histórico é uma forma de compreender como elas vivenciam os tempos de casa e da escola que se tornaram fluidos e atravessados cotidianamente. Os tempos dos acontecimentos e os tempos narrativos revelam a complexidade de ser criança em um cenário que aprisiona a liberdade, constringe as interações, institui a doença e a morte como assunto e não oferece previsão de mudança.

Palavras-chave: Crianças. Narrativas. Educação Infantil. Pandemia.

ABSTRACT

This text is about the childhoods we read and infer in children's narratives. Herein, the times we offer to the children, their collective care and education processes, time in research and the future prospects in face of the current situation, are parts connected to the object of reflection. The discussions are part of the research on children's experiences during the Covid-19 pandemic and how this social fact circumscribes many changes in family organization and in relations with people and places. The pandemic narrated by the children follows the events chronology, such as the closing of schools in the first semester of 2020, expansion of locomotion restrictions, discourse of the vaccine emergency, and, finally, the permanence and aggravation of the pandemic, the discovery of the vaccine and the increase in the number of deaths. The main argument is that children are affected by these changes and they are recorded in the questions, reports, dialogues and photographs. Therefore, reading the children's narratives as cultural constructions in this historical time is a way to understanding how they experience the times of home and school that have become fluid and crossed daily. The events and narrative times reveal the complexity of being a child in a setting that imprisons freedom, constrains interactions, occupies a place in play, institutes illness and death as a subject and does not offer a change forecast.

Keywords: Children. Narratives. Child education. Pandemic.

1 TEMPOS QUE OFERECEMOS ÀS CRIANÇAS

Somos navegantes em mares tempestuosos, sem mapa, bússola e direção clara para os novos mundos nos quais viveremos em breve. Estamos diante de duas situações históricas, uma que se esgota e a outra que ainda está em formação. A era do imprevisto é esse intervalo, esse interregno, entre dois mundos. No movimento que nos afasta do mundo que conhecemos e nos aproxima cada vez mais dos novos mundos à frente, teremos cada vez mais surpresas, eventos inesperados, imprevistos, porque são eventos tão novos que não temos condições de prever (ABRANCHES, 2017).

Que tempos são estes que oferecemos aos recém-chegados ao mundo? Entre o passado e futuro, talvez a única certeza é a de que estamos vivenciando um presente para o qual não estamos preparados e caminhamos para um futuro de incertezas. A pandemia de Covid-19 escancarou um processo em curso de construção de experiências muito provisórias por meio das atividades corriqueiras, como sair de casa, agendar compromissos, marcar um evento de celebração, levar os filhos à escola.

Se, por um lado, reconhecemos o esgotamento e quebra dos modelos pelos quais pensávamos e vivíamos as experiências de ser e estar no mundo, de outro, a provisoriedade do que sabemos e temos ao nosso alcance é assustadora em todos os âmbitos de nossas vidas. Apesar do assombro que o anúncio da pandemia causou, ela não foi tão imprevista assim. Cerca de dois anos antes da eclosão do coronavírus no mundo, a Revisão anual de doenças priorizadas no Plano de Pesquisa e Desenvolvimento da Organização Mundial de Saúde (OMS) havia alertado para a iminência de “uma séria epidemia internacional que pode ser causada por um patógeno atualmente desconhecido, capaz de causar doenças em humanos” (OMS, 2018), conforme comunicado oficial disponível no site institucional. A revisão publicada naquele momento chamava a atenção para a possibilidade de uma “doença X”, ainda desconhecida, para que a comunidade científica e a gestão da saúde pública se preparassem com estudos de diagnósticos, vacinas e plataformas de ação no controle. O alerta dos especialistas e conselheiros da OMS concluía pela probabilidade de que o próximo problema seria algo nunca antes visto na história.

O “previsto” pela comunidade científica em saúde coletiva não foi suficiente para tornarem previsíveis a execução de ações rápidas de tratamento e imunização, e ainda pior, de garantir a adesão aos protocolos sanitários estabelecidos mundialmente. Defesa de tratamento precoce, insistência em medicamentos não recomendados, movimento antivacina, queda de braço com gestores estaduais pela flexibilização da abertura de serviços não essenciais, exposição de agentes públicos sem uso de máscara, troca-troca de gestores em saúde no meio da crise. Estamos “desgovernados” exatamente quando se instala um clima de apelo para que cada brasileiro e brasileira se governe.

A inferência a partir da assertiva discussão de Sérgio Abranches feita ainda em 2017 no contexto das grandes mudanças sociais, econômicas, políticas e ambientais é bastante atual. Hoje, em nosso país, todas estas mudanças foram aceleradas em um cenário de crise humanitária, sanitária e ideológica. A pandemia no Brasil encontrou aliados no âmbito da negação da ciência, do autoritarismo, da propagação de notícias falsas, na naturalização da morte, e, ainda, da desvalorização da escola e da educação como instrumentos de promoção da justiça social, sobretudo para os mais pobres. É nesse tempo de aprofundamento das desigualdades sociais e de ausência de uma política nacional articulada que situamos o fechamento das escolas com impactos ainda não avaliados na vida das crianças e de suas famílias, sobretudo das mulheres-mães trabalhadoras.

Um dos exemplos desse entre lugar em que nos posicionamos na história é a inserção das crianças em contextos de cuidado e educação coletivos, como política de Estado, contracenando com a impossibilidade de ocupação dos espaços escolares. Dito de outra maneira, a crescente ocupação desses espaços públicos pelas crianças, que vinha acontecendo nas duas últimas décadas, esbarrou na efetivação da política de Educação Infantil nas disputas no campo do direito à saúde e proteção. A priorização de um ou outro direito, então, tornou-se um falso dilema posto pela agenda política, tendo-se como base a situação epidemiológica e a propagação do vírus.

Em março de 2020, com o anúncio oficial da pandemia de Covid-19 pela Organização Mundial de Saúde, o ir e vir das crianças às escolas foi imediatamente interrompido no Brasil. Isso significa que 8.972.778 crianças de 0 a 5 anos de idade (BRASIL, 2019) deixaram de ter acesso, não somente aos prédios escolares públicos, como também aos serviços associados à política de Educação Infantil, como os cuidados com a saúde e segurança alimentar e nutricional, as interações com pares de idade e aos bens culturais diversos. Este número soma-se aos mais de 1,5 milhão de crianças que já não tinham acesso à escola mesmo antes da pandemia, conforme Relatório de Monitoramento das metas do Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2020).

No sentido metafórico, há quem diga que “o vírus decretou uma morte, pelo menos temporariamente, das escolas: as deixou sem vida interna, sem cheiros, sabores, sem ar” (KOHAN, 2020, p. 05). Contudo, reconhecemos que professores e professoras têm feito reinvenções para chegarem às crianças, mesmo à revelia da ausência de uma política intersetorial integrada capaz de oferecer proteção, saúde, alimentação e segurança, além das sugestões de experiências e brincadeiras pelas escolas.

Em março de 2021 completamos um ano sem escolas, no sentido da ocupação dos espaços físicos pelas crianças. Um ano de avanço do número de pessoas mortas em decorrência da Covid-19. Os números diariamente divulgados pela mídia não dão conta de mostrar as histórias de famílias inteiras, assim como

os indicadores por agrupamentos etários. De acordo com o boletim epidemiológico do Ministério da Saúde, já era 629 a quantidade de crianças de 0 a 5 anos de idade mortas até 8 de março de 2021 (BRASIL, 2021), entre elas 420 bebês de 0 a 18 meses. Esta invisibilidade dos bebês e crianças nas estatísticas e agendas publicitárias se junta a outras tantas invisibilidades que assolam as condições de vida das crianças desde muito tempo, sob a falsa ideia de que estes sujeitos são de inteira responsabilidade das famílias e se restringem ao âmbito doméstico e privado.

A histórica invisibilidade é observada ainda na pesquisa com e sobre as crianças. Fúlvia Rosemberg (2012, 2015) já forneceu evidências de que as pesquisas alocadas no Portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) até 2015 centralizavam a preocupação das áreas de Educação, Saúde, Psicologia e Serviço Social com as crianças, enquanto áreas que abrangem pesquisas econômicas, demográficas e macroestruturais negligenciam as questões que afetam suas vidas como cidadãos e cidadãs de pouca idade. O fato é que as crianças constituem o grupo geracional fortemente afetado pelas mudanças atuais. Em tempos imprevisíveis de estreitamento das possibilidades de cuidado, a população que se encontra em condição de absoluta dependência no começo da vida enfrenta maior dificuldade de atendimento, visibilidade, participação social e acesso aos serviços públicos essenciais à manutenção da vida e ao desenvolvimento humano.

Quando o tempo de frequência à escola foi interrompido por força dos acontecimentos mencionados, enfrentamos o desafio ainda maior de ouvir as crianças na perspectiva de compreender como a pandemia afetava suas vidas, circunscrevendo suas experiências, perguntas, linguagens e narrativas. Este artigo, então, é um recorte da pesquisa *Infâncias e Educação Infantil em tempos de pandemia: experiências das crianças e suas famílias*, desenvolvida entre junho de 2020 e março de 2021 pelo Observatório da Infância e Educação Infantil¹ (ObEI). O universo da pesquisa incluiu 37 municípios dos territórios Sertão Produtivo e Velho Chico, no Estado da Bahia. O estudo envolveu a participação das crianças, famílias, profissionais da Educação Infantil, Secretarias e Conselhos Municipais de Educação, compondo um banco de dados sobre as mudanças provocadas pela proliferação do coronavírus na política de Educação Infantil, na organização familiar, nas práticas educativas e no trabalho docente, com impactos nas experiências das crianças que esperamos explicitar mais adiante, no texto.

¹ O Observatório da Infância e Educação Infantil – ObEI – integra um grupo de pesquisadoras da área de Infância da Universidade do Estado da Bahia, bem como profissionais da Educação Básica interessados/as em acompanhar as políticas de atendimento educacional aos bebês e crianças nos territórios de identidade Sertão Produtivo e Território Velho Chico – Bahia.

1 A HORA E O LUGAR DAS CRIANÇAS: REINVENÇÕES METODOLÓGICAS PARA TORNAREM OS ENCONTROS POSSÍVEIS

Não te encontro, não te alcanço. (...) a vida só é possível reinventada (Cecília Meireles).

As pesquisas com crianças historicamente privilegiaram as crianças maiores e em contextos escolares (SILVA; LUZ; FILHO, 2010). Em tempos de pandemia, as crianças estão em casa. Esse recolhimento ao espaço doméstico, após décadas de intensas lutas de movimentos de mulheres pela participação e inserção delas nos espaços públicos da escola, se tornou dispositivo de proteção. O imprevisto aconteceu! As interações com outras crianças e outros adultos fora da família, tantas vezes advogada nos documentos orientadores da Educação Infantil (BRASIL, 2010, 2017) foi suspensa por medida de saúde coletiva. Com isto, como fazer pesquisa com crianças? Como ouvi-las nesse momento?

Entre as evidências dos impactos dessa mudança nas rotinas diárias e nas experiências das crianças, delimitamos a centralidade que as questões ligadas ao vírus e à doença ocuparam nas narrativas das crianças. Os sentimentos expressos em relação a ficar em casa e não ir à escola construíram paradoxos importantes que serão analisados mais adiante, como a tristeza por não encontrar os amigos e a alegria de ficar mais com os pais. As projeções de futuro também ajudaram a sair do tempo presente em que a restrição de ficar em casa é imposta pela proliferação do vírus, como as anunciadas por Arthur.

É que é muito ruim ter esse coronavírus. É muito chatinho! Se não tivesse esse coronavírus, não podia ficar só em casa. Mas um dia vou passear. Eu vou ter meus amigos para brincar, se divertir, brincar de tudo que eu quiser (Arthur, 5 anos, grifos nossos).

A participação das crianças em “assuntos que lhes dizem respeito” é uma das conquistas no campo dos direitos das crianças (ONU, 1989; BRASIL, 2016). Essa premissa também é reivindicada nos Estudos da Infância e na pesquisa com crianças (CAMPOS, 2008; CRUZ, 2008), em manifestos para que as pesquisas em diversas áreas retirem as crianças da condição de objetos, alunos ou pacientes a serem observados e passem a escutar suas vozes. Entretanto, as estratégias para se entrar nas culturas das crianças (CORSARO; MOLINARI, 2005) e nos seus fazeres cotidianos para ouvi-las exigem coparticipação em suas atividades, presença física e algum compartilhamento de suas experiências sociais. Esses entraves epistemológicos da produção de saberes com as crianças durante a pandemia contracenam ainda com a recomendação da área de saúde infantil quanto à baixa exposição das crianças de 0 a 5 anos às telas (SBP, 2019), bem como de uma necessidade maior do adulto no acesso à criança por intermediação tecnológica. Soma-se a isto, a pressuposição que muitas vezes explica o pouco interesse da pesquisa socioantropológica no que dizem as crianças, de que o nível de desenvolvimento da linguagem e pensamento ligado às condições e

restrições do contexto constitui barreira para acessar suas percepções a partir de princípios de validade e estabilidade.

Em 2020, por exemplo, as pesquisas com crianças acerca das mudanças provocadas pela pandemia em suas vidas priorizaram a escuta das maiores de 8 anos, como a desenvolvida pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Infância e Educação Infantil (NEPEI) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Este recorte etário é compreensível se considerarmos que as crianças pequenas exigem maior tempo de envolvimento com a pesquisa, bem como outras formas de expressão além da fala verbal, como desenhos, jogos, brincadeiras. Por outro lado, várias alternativas vêm sendo criadas para compreender o funcionamento não presencial da Educação Infantil, como o acompanhamento das conversas entre crianças e professoras nos grupos de aplicativos de envio e recepção de mensagem, feito por Soares (2020) e colaboradoras com crianças de 4 e 5 anos na cidade de Salvador.

Nesse sentido, escutar as crianças em situação de distanciamento físico implicou uma série de reinvenções metodológicas para encontrá-las; ou, com a licença poética de Cecília Meireles, a pesquisa com as crianças só foi possível porque reinventada. As reinvenções metodológicas foram feitas em nome de uma defesa política da importância de compreender o que elas dizem sobre este momento, o que escolhem compartilhar com os adultos e outras crianças, quais percepções e sentidos são expressos nestas narrativas provisórias e contextualizadas. Provisória, aqui, não possui a conotação pejorativa de algo sem valor que se perde; ao contrário, compreendemos a narrativa das crianças como um ato de significação localizado no tempo e espaço históricos (BRUNER, 1990), e que, portanto, deve ser lida como uma forma de organização das vivências das crianças.

Desse modo, a narrativa das crianças se transforma, assim como os contextos e as próprias crianças, constituindo possibilidade de colocar as percepções no campo da comunicação e compartilhamento com outras pessoas. Aí reside seu estatuto ético-político de posicionar a criança como interlocutora ativa que é afetada pelas condições sociais de seu tempo e que percebe e pensa os acontecimentos. Um estatuto demarcado ainda na possibilidade de inscrever a criança no compartilhamento de experiências, na produção de memórias e de histórias do cotidiano, capazes de oferecer outro retrato alternativo à história oficial, como nos ensinou Benjamin (2015).

A experiência de Walter Benjamin (2015) de instituir *a hora das crianças* em emissoras de rádio em Berlim e Frankfurt, no período de 1927 a 1932, para publicizar peças radiofônicas dirigidas a esse público, inspira-nos a transgredir no campo da pesquisa com crianças. Ao tratar de temas complexos nestas peças, como catástrofes naturais (terremotos e enchentes), narrativas históricas sobre bruxaria e a construção militar das casernas da cidade de Berlim, Benjamin (1987b) faz uma *história a contrapelo*

através da narrativa do cotidiano. Com isto, ele posiciona as crianças, subalternos relegados à condição da inocência, como cidadã política ligada a uma sociedade e suas culturas dialeticamente.

Esta práxis materialista histórica de Benjamin afasta a ideia de que as experiências desse tempo de pandemia, que serão registradas nos documentos históricos, sejam transmitidas às crianças como uma grande narrativa única. É nesta abordagem teórica que empreendemos a tarefa de documentar pequenas narrativas de crianças pequenas; aquelas narrativas invisíveis que logo seriam esquecidas ou substituídas. Além da valoração ética e política, esse registro tem valor histórico, simbólico, antropológico, estético, sobretudo por evidenciar como nos colocamos em relação às afecções, desejos, sentimentos, interesses e ideias das crianças em um contexto de barbárie.

Nossa primeira reinvenção na pesquisa foi trazer as crianças para o debate público de maior circulação. Foi criado, em junho de 2020, um quadro em um Programa de Rádio dedicado à educação no município de Guanambi – Bahia –, intitulado *Infância e Educação Infantil em Pauta*. O Quadro continua sendo veiculado quinzenalmente com duração de 15 minutos e foi inaugurado, naquele momento, com questões que as crianças de 0 a 5 anos queriam saber sobre a pandemia. O processo de geração e gravação das perguntas contou com a colaboração de professores e professoras, que estavam implementando a Educação Infantil em formato não presencial, por meio de contatos com as crianças e famílias via Internet, com uso de celular e/ou computador.

Esta perspectiva colaborativa com professores e professoras, como também com as famílias das crianças, constitui outra reinvenção. A pesquisa envolveu uma rede maior de colaboradores com funções distintas e fluidas nas interlocuções que foram sendo estabelecidas, incluindo com as pesquisadoras e autoras do texto, no sentido de selecionar as perguntas e gravar as respostas. Esta rede também inclui a equipe da rádio que veicula o conteúdo gravado pelas pesquisadoras do Observatório e cria a conexão com as crianças e suas famílias.

Todas as perguntas gravadas e enviadas com apoio das famílias foram transcritas sem adaptações e foram ao ar com a voz das crianças, com a devida autorização de seus responsáveis legais. Eis outra reinvenção na pesquisa com crianças, uma vez que todo o conteúdo das conversas se tornou de domínio público, o que exigiu assumir a autoria e a identificação de seus autores e autoras. Portanto, também nesse texto, todos os nomes das crianças não acrescidos de sobrenome ou lugar de moradia são utilizados com autorização das famílias. A ideia de anonimato como proteção da identificação não nos pareceu pertinente em um espaço público de ampla divulgação, cujo objetivo foi, exatamente, colocar na cena política as vozes das crianças.

Concordamos com Benjamin, que:

a criança exige dos adultos explicações claras e inteligíveis, mas não explicações infantis, e muito menos as que os adultos concebem como tais. A criança aceita perfeitamente coisas sérias, mesmo as mais abstratas e pesadas, desde que sejam honestas e espontâneas [...] (BENJAMIN, 1987b, p. 237).

Em razão disso, os cuidados com as questões éticas perpassaram todo o processo de acesso às crianças por meio de pessoas com as quais tinham vínculos estabelecidos, como professores/as e famílias; de respeito às perguntas trazidas como preocupações e curiosidades importantes, cujas respostas mereciam tratamento sério e científico; e, por fim, com o uso da linguagem dirigida à própria criança que permitisse a compreensão sem simplificações.

Outras transgressões e reinvenções metodológicas foram feitas de modo que as narrativas das crianças pudessem ser compartilhadas pelas famílias por meio de áudio, texto e fotografias tiradas pelas crianças em casa. Esse compartilhamento foi feito diretamente por meio dos contatos pessoais de professores, professoras, das pesquisadoras do grupo e das redes sociais do Observatório, onde foi criada uma publicação semanal nomeada de *criança fala*.

Já as 51 fotografias feitas por crianças de 4 a 6 anos constituíram o acervo iconográfico de uma exposição virtual criada pelo Observatório, em parcerias com as escolas de Educação Infantil públicas e privadas, que recebeu o nome *A casa acordada*. O objeto disparador para que as crianças registrassem era o seu lugar preferido em casa, o seu cantinho de brincar ou de fazer outra atividade. Neste projeto, a reinvenção pode ser compreendida como uma postura das pesquisadoras no sentido de reconhecer as crianças como parceiras na produção de material empírico e no deslocamento da ideia de pesquisa sobre as crianças para pesquisar com elas. O ato de tirar fotografias no conjunto das ações que aconteceram no projeto, como a leitura do livro *A casa sonolenta* (WOOD, 1984), as explorações dos espaços da casa, o manuseio da câmera do celular, o compartilhamento do registro visual e oral do lugar escolhido, indicam a atividade das crianças na escolha e na produção.

O diálogo entre crianças caracterizou outra reinvenção que possibilitou a geração de materiais sobre as experiências das crianças nesse tempo de pandemia. Quando completamos sete meses do fechamento das escolas (em setembro de 2020), o quadro *Infância e Educação Infantil em pauta*, em parceria com escolas de Educação Infantil, promoveu esse "encontro". Elas tiveram a oportunidade de enviar um áudio a outra criança contando como estavam, como se sentiam, o que faziam em casa, do que sentiam falta e o que desejavam que acontecesse ou mudasse nos modos como estavam vivendo.

Narrativas orais (perguntas, relatos e diálogos entre crianças) compartilhadas pelas crianças com professores e professoras e veiculadas pela rádio e redes sociais. Narrativas visuais criadas pelas crianças

em projetos elaborados em parceria com escolas de Educação Infantil. Estas possibilidades de encontro em um formato excepcional tornaram possível instituir a participação das crianças na comunicação pública e na pesquisa que buscava compreender as mudanças provocadas pela pandemia nas suas vidas. É sobre o conteúdo dessas narrativas de crianças que trataremos na seção seguinte.

2 AS CRIANÇAS E A EDUCAÇÃO NESSES TEMPOS

Eu quero ir para a escola, mas o coronavírus não pode (deixa) ir. Por causa que eu tô com saudade das minhas coleguinhas. Eu fico triste. Eu quero que minhas aulas comecem, volta. Eu brinco de escolinha com minha irmã. Eu quero que sua família fique bem (Emanuelle, 5 anos).

Quem são as crianças que participaram das diferentes formas de escuta e acesso às suas narrativas? São 63 crianças entre 2 e 6 anos de idade matriculadas em alguma instituição pública ou privada de diferentes municípios dos dois territórios baianos – Sertão Produtivo e Velho Chico. A maioria frequentava os espaços públicos de alguma escola de Educação Infantil até seu fechamento físico, sendo que apenas 11% das crianças frequentava escola privada. O quantitativo total de crianças participantes não coincide à quantidade de participações, uma vez que as famílias enviaram as narrativas mais de uma vez ao longo do ano de 2020 e início de 2021. Algumas crianças, inclusive, participaram de diversas formas por meio de áudios compartilhados com seus professores e professoras, que foram transcritos ou publicizados em voz por meio do programa de rádio; ou transcritas pelas mães e compartilhadas por celular e redes sociais do Observatório. Destacamos a participação das mães no compartilhamento das perguntas, relatos e outras fontes narrativas, como as fotografias, porque a centralidade das práticas de cuidados dos filhos pelas mulheres-mães evidencia um processo de feminilização da relação com o acompanhamento escolar das crianças. Essa centralidade explicita as desigualdades de gênero na distribuição das tarefas domésticas e de cuidado com as crianças que merece problematização, sobretudo em um cenário em que as crianças estão em casa e as mulheres não contam com a rede de apoio do Estado para continuarem no mercado de trabalho, conforme discute Santana (2020). Além disso, as mulheres constituem o grupo majoritário de professoras, principalmente na Educação Infantil, acumulando funções.

Quanto às crianças participantes da pesquisa, elas são 41 meninas e 22 meninos que residem em municípios do interior do Estado da Bahia, em cidades com menos de 50 mil habitantes. Entre estas crianças, há 13 que moram em comunidades rurais, sendo que 4 destas residem em comunidades quilombolas, 1 em comunidade indígena e 3 em comunidades constituídas em projeto de agricultura

irrigada. A relação com o lugar é fundante das narrativas, sobretudo as narrativas visuais, conforme Figura 1.

Nas fotografias, brincar em casa é um ponto que conecta crianças de diferentes contextos histórico-culturais durante a pandemia. Por outro lado, a casa e o lugar evidenciam as diferenças e a diversidade quando nos referimos às crianças do campo, da cidade, indígenas, quilombolas e de condições financeiras distintas. A relação com os espaços amplos ao ar livre (foto 4) e com as brincadeiras em árvores (foto 3), por exemplo, foi observada nas fotografias tiradas por crianças do campo, indígenas e quilombolas. Na cidade, o lugar de brincar se divide entre quarto (foto 1 e foto 5) e quintal (foto 6 e foto 7), sendo que as crianças que têm irmãos registram as parcerias na brincadeira, enquanto as crianças que não os têm brincam sozinhas ou com adultos.

Figura 1: Meu lugar de brincar – Exposição *A casa Acordada*



Fonte: Banco de Dados da Pesquisa do Observatório da Infância e Educação Infantil, UNEB – 2020.

As fotos 2 e 7 (Fig. 1) registram uma relação das crianças com piscina em diferentes condições de moradia das famílias, algo que aparece em diversas fotografias. Os arranjos de lugares de que gosta por meio da brincadeira e da reutilização de materiais, como praças, cabanas, escolas, piscinas, hortas, mostram ações das crianças e adultos da família na criação de ambientes como estratégias de intervenção no espaço da casa. Outro ponto fundamental nestas narrativas é a compreensão do contexto atual em

que as crianças precisam ficar em casa e usar máscaras. A foto 5, por exemplo, capta um ato de criação de sentidos para os acontecimentos sociais por meio da brincadeira (SILVA, 2021), com uso do artefato cultural boneca.

As bonecas com máscara sendo carregadas em carrinhos e bonecas e bonecos dispostos em frente a quadro em uma configuração que lembra escola ou mesmo bichos de brinquedo sendo vacinados são alguns modos de compreensão e vivências da situação atual por meio da brincadeira, que interpretamos nas narrativas visuais e as narrativas orais que as acompanham. Estas breves reflexões sobre as crianças e as brincadeiras nesses tempos de pandemia merecem aprofundamentos posteriores, mas elas reforçam a tese de que as crianças não estão apenas imitando os adultos. Ao contrário, elas estão criando uma situação imaginária para compreender fatos sociais. Estão vivenciando fatos sociais de suas experiências, como propõe Benjamim (2002), e construindo sentimentos, ideias e pensamentos sobre eles.

Estas narrativas também dão ideia de que as condições de acesso aos bens culturais pelas crianças de classes populares é um dos pontos a serem levados a sério nos planos de reabertura das escolas públicas. O não acesso a livros de literatura infantil como artefato cultural, que não vimos presente na maioria dos quartos das crianças, ou mesmo o compartilhamento do quarto com adultos em residências com até 5 cômodos, são algumas das dimensões que contrastamos na análise das fotografias e dados do questionário respondido pelas famílias na pesquisa. Soma-se a isto o tempo de leitura pelas crianças em casa ser inferior ao tempo de uso da televisão, conforme indicam estas famílias (TEIXEIRA *et al.* 2020).

O questionário aplicado em agosto de 2020 focalizou o perfil socioeconômico das famílias, além de experiências e mudanças vivenciadas com as crianças durante a pandemia. Por meio desse instrumento foi possível identificar que as crianças pretas e pardas somam 70%, conforme declaração preenchida por algum adulto da família, sendo que 31% delas vivem em casa alugada ou cedida. Também podemos afirmar que a maioria das crianças e suas famílias está em situação de pobreza, pois 72,6% vivem com até 1 salário mínimo para uma média de 3 pessoas na casa e recebem algum tipo de bolsa assistencial, como Bolsa Família e/ou auxílio emergencial do Governo Federal. Entre essas famílias beneficiárias de programas assistencialistas, apenas 7,1% receberam também o Kit Alimentação, entregue pelos municípios a partir da distribuição dos itens da merenda escola.

Esses dados indicam o não acesso das crianças a programas de alimentação escolar nos municípios e a pouca efetividade da política intersetorial local, no sentido de implementar estratégias para garantir a alimentação em tempos de fechamento das escolas. Isto é fundamental quando pensamos que se trata de um grupo de crianças de escolas públicas, majoritariamente negras, em situação de pobreza

e que vivenciam a perda de emprego de algum adulto da casa, conforme destacaram 38% das famílias participantes do estudo. A perda do emprego acontece em um cenário de alta na cesta básica e perda real de salário mínimo, conforme dados do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Econômicos (DIEESE, 2020), o que justifica a maior preocupação indicada pelas famílias com a falta de comida em relação à frequência dos filhos e filhas à escola.

A situação pobreza e perda de emprego associada às condições de moradia das famílias são obstáculos em um contexto que apela ao distanciamento social e isolamento em casos de infecção pelo coronavírus. Isto se agrava quando observamos que 43,3% destas famílias continuaram saindo para trabalhar e muitas precisaram deixar as crianças em outras casas com outras pessoas da família. Outros entraves que o estudo revela é no que diz respeito ao acesso à internet e a posse de computadores ou tablets, quando a escola dos filhos e filhas passou a acontecer de forma não presencial por intermediação tecnológica. Para cerca de 60% das famílias, essa escola chega exclusivamente pelo aparelho celular através de Rede de dados emprestada ou compartilhada.

O percentual de 6,9% das crianças que não têm nenhum acesso às atividades desenvolvidas e enviadas pela escola representa ainda mais as crianças que estão, do ponto de vista educacional, abandonadas aos próprios recursos, nos termos de Hanna Arendt (2009a).

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele, salvando-o, com tal gesto, da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos nossas crianças o bastante para não expulsá-las de nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tampouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum (ARENDR, 2009a, p. 247).

Em um cenário de intensas mobilizações da área de Educação Infantil para defender os princípios basilares conquistados nas últimas décadas (ANPED, 2020; COUTINHO; CÔCO, 2020), como a garantia de experiências com base nas interações e brincadeiras (BRASIL, 2010), mesmo em tempos de emergência de acesso do Estado às crianças pela via do setor educacional, o que observamos é um completo abandono e pouco investimento em vacinas e reestruturação das escolas para uma possível reabertura. Quando as escolas respondem à forma efetiva de justiça educacional frente às desigualdades sociais e garantia de acesso aos cuidados tutelados pelo Estado, os tempos da escola na vida das crianças são interrompidos ou reduzidos aos contatos e orientações das famílias através dos celulares e redes sociais, como formas novas e imprevistas por nós.

Nos municípios onde as crianças residem, houve suspensão total do funcionamento da Educação Infantil de modo presencial em março de 2020, mas somente 85,9% aderiram ao funcionamento remoto, algo que os Conselhos Estadual e Nacional de Educação recomendaram em maio de 2020. Esse funcionamento foi no sentido de manter os vínculos com as crianças, sugerir experiências com diferentes linguagens, narrativas e brincadeiras, conforme apontam as famílias, Secretarias e Conselhos Municipais de Educação e docentes. Isso significa que, até agosto de 2020, crianças de 14,1% desses municípios não receberam nenhuma forma de contato ou atividade sugerida/orientada pelas escolas e outras instituições de Educação Infantil.

Por outro lado, os dados epidemiológicos assombram e tornam ainda mais imprevisível um retorno presencial das escolas públicas, quando, em várias cidades brasileiras, as escolas privadas ou já fizeram um processo de retomada ou realizam encontros síncronos diariamente entre crianças e seus professores e professoras. Enfim, as desigualdades de acesso à escola pelas crianças durante a pandemia escancararam um processo histórico de luta pelo direito à educação, assim como as divergências entre modelos públicos e privados de escolarização.

É nesses tempos de mudança na organização familiar e de funcionamento dos processos coletivos de cuidado e educação compartilhados com as escolas que situamos as narrativas das crianças. Como apresentaremos na seção seguinte, as crianças demonstram a importância da escola na construção de suas narrativas, a relação com outras crianças e com as experiências que acontecem neste espaço. Os desejos e sentimentos mencionados a partir do tempo em casa, a exemplo da narrativa de Emanuelle com a qual abrimos essa seção, é de que *as aulas comecem logo* e que todas as crianças possam voltar às escolas.

3 PROCESSOS DE CONSTITUIÇÃO DAS NARRATIVAS DAS CRIANÇAS

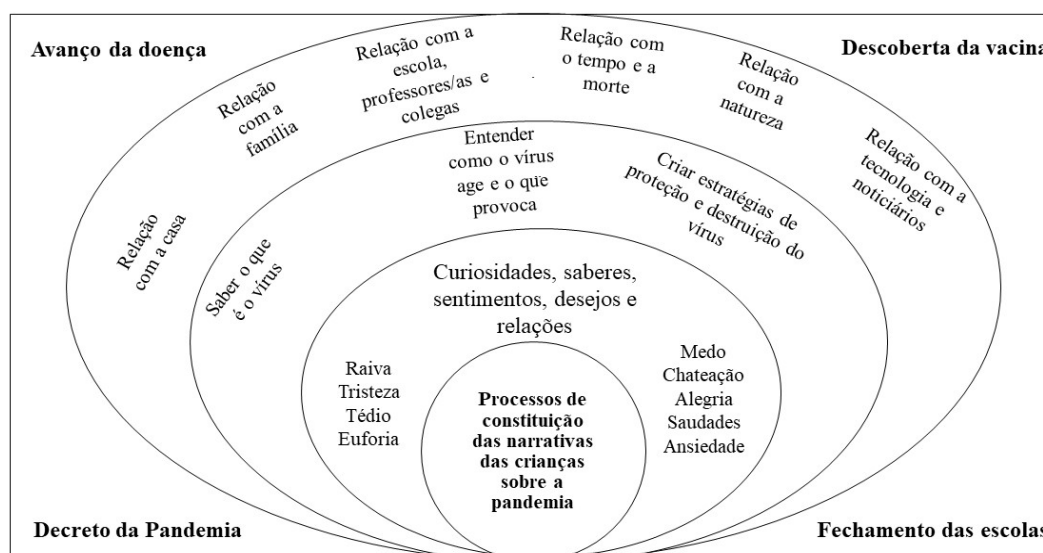
A gênese das narrativas, no sentido de sua origem e transformação, se dá no panorama dos acontecimentos sociais que se sucederam ao reconhecimento de que vivíamos uma pandemia. Este é o marco a partir do qual as escolas foram fechadas e, com isto, algumas mudanças foram sinalizadas pelas famílias na organização familiar e nas rotinas das crianças. Essas mudanças aparecem nas narrativas, como ficar mais tempo em casa com os pais, perder o contato diário com colegas e professores/as, não poder visitar pessoas das famílias, brincar em praças, ir a festas de aniversário, ver os pais saírem para trabalhar quando a recomendação era ficar em casa, assistir a notícias de avanço da doença, número de mortos e descoberta da vacina.

O ato de narrar a pandemia, nesse sentido, não é descolado da materialidade histórica e dialética. A forma e o conteúdo da narrativa mostram seu enraizamento nas relações cotidianas. Ou seja, o ato narrativo das crianças evidencia um processo de percepção, pensamento, apropriação e de significação do que acontece ao seu entorno, que por si só já merece uma atenção e escuta atenta por parte dos adultos que cuidam, educam e se relacionam com elas. O ato narrativo é, portanto, dialético. Um ato que expressa um processo longo de construção nas conversas, nas ações, nas interações. As crianças, afetadas pelos acontecimentos sociais, agem no sentido de compreender, entender, significar, expressar curiosidades, sentimentos e maneiras de perceber. Logo, é um ato tanto afetivo quanto cognitivo, que envolve afetos, pensamento, imaginação. Um ato que constitui atividade das crianças e uma maneira de agir para comunicar ideias e interesses com outras pessoas.

Uma das evidências que citamos é a relação com a doença e a morte na construção narrativa. Em tempos de necropolítica, de uma “instrumentalização generalizada da existência humana e a destruição material de corpos humanos e populações” (MBEMBE, 2016, p. 10-11), em que o Estado decide quem deve morrer e banaliza o sentido da morte, sobretudo para os mais velhos, as crianças não estão alheias. O domínio midiático e veiculação diária de números que explicitam a morte como normalidade também ajudam a construir a dúvida, as curiosidades, os sentimentos e as impressões das crianças, conforme analisaremos.

Na figura seguinte (Figura 2), organizamos os processos de constituição das narrativas das crianças com a intenção de tornar visíveis as relações dialéticas entre os contextos, as crianças, os acontecimentos que as afetam, os sentimentos expressos, as relações que foram sendo estabelecidas com as mudanças nas rotinas e os conteúdos culturais desenvolvidos por elas.

Figura 2: Dialética da constituição das narrativas das crianças sobre a pandemia



Fonte: Elaboração das autoras (2021) a partir do Banco de Dados da Pesquisa do Observatório da Infância e Educação Infantil, 2020.

Com o fechamento das escolas, as crianças demonstram suas formas de relação com a casa, sobretudo a questão do tempo de permanência, os lugares explorados, como o quintal e o quarto, as brincadeiras com a família. A relação com os pais, principalmente, aparece matizada na extensão do tempo de brincar e fazer coisas juntos. Estas mudanças são responsáveis por sentimentos contraditórios das crianças em relação à casa, à família e à escola, conforme alguns excertos que destacamos.

A quarentena está boa. Eu estou brincando de tinta com a mamãe, já fizemos massinha, assisto filme e como pipoca. Tudo com a mamãe (Alice, 6 anos).

Eu aqui em casa brinco de xadrez com meu pai, aprendo continhas de matemática e ando de bicicleta e de bola com minha irmã, mas sinto falta de todos na escola. Aqui em casa não tem nada que me deixa triste. Eu faço tudo que gosto. Eu quero que a pandemia passe logo para o mundo voltar ao normal (Matheus, 5 anos).

A alegria pelo fato de ter mais tempo para estar e brincar com a mãe e o pai durante a “quarentena” coexiste com a ansiedade para que tudo volte ao normal. As crianças relatam sentimentos de ansiedade para o retorno às aulas em meio à alegria das brincadeiras em casa e as saudades da escola, dos colegas

e professores/as. O que observamos é que o quadro social da pandemia na vida das crianças estabeleceu outras relações e outros conteúdos das interações. A relação com a morte e as notícias, por exemplo, fica muito evidente nas perguntas, no que as crianças desejam saber e desejam que aconteça, assim como a relação complexa com a tecnologia e a natureza. Apesar do maior tempo de uso da televisão e celular pelas crianças como uma das mudanças observadas pelas famílias na pesquisa, as crianças sinalizam a falta que sentem de ir na roça dos avós, de brincar na praça com os amigos, de visitar os bichinhos.

Na seção seguinte, desdobraremos as dimensões apresentadas na figura tendo em vista apresentar argumentos para a tese de que as crianças são afetadas pelas mudanças provocadas pela pandemia e estas mudanças são registradas pelas próprias crianças nas narrativas. Portanto, ler as narrativas das crianças como construção cultural nesse momento histórico é uma forma de compreender como elas vivenciam os tempos de casa e da escola que se tornaram fluidos e atravessados cotidianamente.

3.1 A PANDEMIA NARRADA NO RITMO DOS ACONTECIMENTOS SOCIAIS

Uma constatação feita a partir da leitura e interpretação das narrativas das crianças é a construção de um ritmo próprio, singular, que não se confunde com outras formas narrativas. Aqui definimos enquanto ritmo a dimensão imprevisível e aberta das narrativas aos acontecimentos no tempo. As proposições teóricas de Cabanellas e colaboradores (2020, p. 217) sobre ritmos infantis nos ajudam nesta proposição. São proposições teórico-metodológicas de que as ações das crianças, assumidas como repetições, são sujeitas a medidas temporais e espaciais difusas, "sem a necessidade de serem marcadas com precisão".

Para evidenciar a constatação acima, agrupamos as narrativas das crianças conforme o contexto em que se situam no período da construção: a) a constatação da pandemia e o fechamento das escolas no primeiro semestre de 2020; b) a permanência do fechamento, a ampliação das restrições de locomoção e o discurso da emergência da vacina; c) a permanência do quadro social anterior, a descoberta da vacina e o aumento do número de mortes.

Nesses três grupos de acontecimentos sociais, situamos as narrativas. São acontecimentos que tangenciam as escolhas das crianças quanto aos assuntos sobre a pandemia, conforme figura seguinte (Figura 2). As perguntas, as estratégias elaboradas, as descrições, os sentimentos, desejos e percepções expressos em relatos orais, assim como as projeções de futuro, estão conectados com o fluxo dos acontecimentos entre junho de 2020 e março de 2021. As mudanças no quadro social, epidemiológico, educacional e familiar são captadas nas transformações e modulações do enfoque narrativo das crianças e isto evidencia sua dimensão social. Tais constatações conduzem à defesa de que as narrativas são formas de percepção e organização das vivências das crianças durante a pandemia.

Figura 2: Quadro de acontecimentos sociais da pandemia nas narrativas das crianças

	Quadro 1	Quadro 2	Quadro 3
	A constatação da Pandemia e o fechamento das escolas	Ampliação das restrições de locomoção e o discurso da emergência da vacina	Descoberta da vacina e aumento do número de mortes
Enfoque narrativo	<p>Perguntas sobre o vírus e a doença.</p> <p>Descrições sobre as experiências em casa e as mudanças decorrentes do fato de não irem à escola.</p> <p>Sentimento de indignação em relação à pandemia e de surpresa em relação ao uso de máscaras pela população.</p>	<p>Perguntas sobre o tempo que poderão sair de casa e voltar à escola.</p> <p>Criação de estratégias para acabar com o vírus.</p> <p>Sentimentos de chateação em função do tempo longo em casa e de saudades de pessoas que gostam.</p> <p>Percepção de que a vacina é a solução para acabar com a Pandemia.</p>	<p>Atribuição de status de super heróis aos cientistas que criaram a vacina.</p> <p>Percepção de demora para o retorno à escola.</p> <p>Sentimentos de chateação em função da demora do retorno à escola e de medo com a saída dos adultos de casa.</p>

Fonte: Elaboração das autoras (2021) a partir do Banco de Dados da Pesquisa do Observatório da Infância e Educação Infantil, 2020.

Em junho de 2020, a pandemia era um fato relativamente novo que já dominava o tempo de mídia televisiva. Palavras como distanciamento social, uso de máscara e álcool em gel, coronavírus entraram no vocabulário cotidiano. Em alguns municípios, as escolas tentavam delinear propostas de contato com as crianças e famílias. Nesse contexto, as crianças se mostraram curiosas formulando questões sobre o vírus, a doença e as medidas de proteção e distanciamento social, conforme podemos observar nas questões selecionadas para o diálogo com uma professora e pesquisadora bióloga para o primeiro quadro *Infância e Educação Infantil em pauta*.

Por que o coronavírus existe? (Artur, 5 anos).

Por que a gente não pode ir para a escola? (Alice, 4 anos).

Por que o coronavírus fechou a minha escola? (Sofia, 4 anos).

Por que eu tenho que lavar as mãos toda hora? (Jade Lohany, 3 anos).

Por que eu não posso ir na casa da minha vó Iva? O coronavírus mata? (Emanuelly, 5 anos).

Por que não pode ter festa de aniversário? (Cecília, 3 anos).

Como nos proteger contra o coronavírus quando voltar às aulas? (Eloah, 5 anos).

A busca de uma explicação para a existência do vírus é simbólica, assim como outras explicações para esse fato novo que começou a afetar suas vidas, impedindo de ver as pessoas da família, celebrar aniversários e frequentar as aulas. Observamos que as crianças, na oportunidade de dialogar sobre o tema,

buscaram explicações. Essas perguntas, a exemplo dos relatos, vão sendo transformadas no transcorrer do ano com a alteração no quadro social de acontecimentos ligados ou em decorrência da pandemia. Já no segundo semestre do ano, com a ampliação das restrições e da curva de contágio passados, além do fato de terem passado seis meses desde o fechamento das escolas, as crianças narram sentimentos diversos (conforme quadro 1), muitas vezes contraditórios.

Quadro 1: Sentimentos e estados de ânimo narrados pelas crianças nos contextos da pandemia

ESPECIFICAÇÃO	CONTEXTUALIZAÇÃO
Medo/Raiva	Que a mãe se contamine no trabalho; de sair para a rua; do vírus "meleca" grudar na sua pele.
Chateação/Tédio	Com o tempo demasiado em casa; com o fato de não ter nada para fazer em casa; com a falta da escola e dos amigos.
Ansiedade	Com a demora da vacina; pela volta às aulas; para brincar em espaços públicos, como praças; para rever amigos.
Euforia	Com a novidade de usar máscaras; diante de uma estratégia criativa para destruir o vírus.
Alegria	De ficar mais tempo com a família em casa; de brincar com os pais; de poder utilizar o computador.
Saudades	Da escola, da professora ou professor; dos colegas e amigos; de pessoas do círculo familiar, sobretudo a avó.
Tristeza	De ver a escola fechada; De não poder visitar as pessoas de quem gosta.

Fonte: Elaboração das autoras (2021) a partir do Banco de Dados da Pesquisa do Observatório da Infância e Educação Infantil, 2020.

Quando apresentamos o quadro acima com os sentimentos, queremos demonstrar que as crianças não apresentam os sentimentos de maneira separada e, sim, de modo imbricado e dissolvido nas falas. Medo, ansiedade, chateação, tédio, euforia, alegria, saudades e ansiedade contracenam nas narrativas, revelando a dimensão complexa do momento e das mudanças muito rápidas provocadas nas rotinas

na vida das crianças. Ficar mais tempo em casa com a família é um paradoxo para as crianças que demonstram alegria e, ao mesmo tempo, tédio em função desse alargamento do tempo, conforme vimos na seção anterior.

Além disso, elas buscam estratégias, muitas vezes imaginárias, para potencializar e investir de poder de destruição do vírus. O uso de objetos reais, como a vassoura, e outros criados pela ação-imaginação das crianças, como arma com álcool e armadilhas, serviram a esta tarefa.

Precisa fazer uma vacina para acabar logo com o coronavírus e dá uma injeção em todas as criancinhas (Sofia, 4 anos).

Mãe, o Papai do céu já matou o coronavírus? (João Gabriel, 4 anos).

Mãe, quando é que vai chegar a fase rosa do coronavírus? (Bela, 6 anos).

Eu queria saber tia (a professora), quando vai acabar essa pandemia. Já estou achando ruim (Gustavo, 5 anos).

Tia (a professora), eu vou pegar uma arma de água e vou colocar álcool nela e vou passar nas mãos pra proteger do coronavírus (Joabe, 4 anos).

Vassôra! (bate com a vassoura no chão) Pra matar o coronavírus (Emanuele, 2 anos).

Identificamos que as crianças constroem uma narrativa sobre a pandemia que agrega informações circulantes, conversas com adultos e entre elas, assim como conteúdo dos imaginários coletivo e pessoal. A ideia de que o coronavírus é um *bichinho mau* que precisa ser destruído por alguma atitude heroica lembra a oposição binária entre bem e mal que figura em parte da Literatura infantil e outras fontes narrativas e produções culturais para crianças. A figura do super-herói para representar cientistas e a valorização da vacina é uma contranarrativa importante que visualizamos no modo como as crianças falam da pandemia.

*Tia (a professora), eu tô com saudade da escola. Quando passar o coronavírus eu vou para a escola agora. O coronavírus é muito mau, chato e feio, mas logo **o supercientista vai criar a vacina** e destruir esses vírus nojentos (Artur, 4 anos, grifos nossos).*

Quando eu crescer, quero ser médico. Eu vou cuidar das pessoas doentes de coronavírus para elas não morrerem (Thomas, 6 anos).

Só tem um remédio para o coronavírus: ficar em casa toda hora (Pedro, 4 anos).

Mãe, já investigou essa vacina? Por que eu não posso esperar o dia todo (Sofia, 4 anos).

Mamãe, vou trabalhar e ganhar dinheiro pra matar o coronavírus (Maria Tereza, 3 anos).

No contexto de negacionismo da ciência, de cortes orçamentários para a pesquisa nacional, de ataques às universidades públicas e de ascensão de grupos antivacina, a associação que as crianças fazem dos cientistas com heróis constitui, de fato, uma contranarrativa. Isso nos faz concordar que as crianças, ao agirem e dizerem a sua palavra, podem começar algo novo que “não pode ser previsto a partir de coisa alguma que tenha ocorrido antes”, como defende Hanna Arendt (2009, p. 190-191). Para esta autora, a “surpreendente imprevisibilidade” do começo da vida deriva da capacidade dos recém-chegados ao mundo de agir para transformar o mundo em um mundo para si, que jamais pode ser confundido como um mundo em si.

As últimas narrativas foram construídas já no cenário de notícias sobre a descoberta da vacina em outros países e da demora de aquisição por parte do governo brasileiro, além do surgimento de novas variantes e da saturação dos serviços de saúde. Nesse contexto, as narrativas evidenciam uma percepção da morte e dúvidas sobre isto, como a questão apresentada por Artur (5 anos) ao quadro Infância e Educação Infantil em pauta já em março de 2021: “*eu quero saber o que é morrer*”. Outras percepções vinculam-se à necessidade de cuidado com as pessoas doentes e de ficar em casa como uma das formas mais eficientes de prevenção, além da percepção da demora na distribuição das vacinas. Além disso, já são 12 meses em casa sem o direito de ir e vir às escolas, repetidas vezes mencionadas pelas crianças, como o lugar de ver e brincar com os amigos, como o objeto da saudade diária que contamos nas narrativas.

Esta temporalidade da pandemia no Brasil narrada pelas crianças indica como elas são expostas, muitas vezes, às mesmas informações dos adultos, como indicam algumas crianças ao mencionarem, por exemplo: “*na televisão só passa notícia de coronavírus. Eu já cansei de ouvir*” (João, 6 anos). O desaparecimento de fronteiras entre as informações do mundo adulto e das crianças já foi apontado como sinal do desaparecimento da ideia de infância (POSTMAN, 1999). Especificamente o advento da mídia eletrônica seria, na perspectiva do autor, a promotora de uma homogeneização das mentalidades e a inimiga da curiosidade, da autoridade adulta, das perguntas que geram descobertas e do mínimo esforço para que as crianças consigam respostas rápidas.

Argumentamos que a superexposição das crianças às mídias eletrônicas é um dos efeitos da pandemia quando até a escola, lugar de experiências e interações presenciais, migrou para os celulares e computadores, se tornando uma “escola do computador” para algumas crianças. O uso do celular e do computador divide sentimentos e percepções, como podemos ler nos trechos seguintes:

A pandemia tem um lado bom: eu comecei a usar o computador e eu adoro (André, 6 anos).

A escola do computador é muito chata. Eu nem peguei a boneca de Luna um pouquinho pra brincar (Laura, 4 anos).

Oh tio (o professor)! Eu gostei das histórias que você contou (por meio de vídeo enviado no celular). Na hora que acabar esse coronavírus você conta para nós de novo? (Alanna, 5 anos).

Nessas narrativas, as crianças reconhecem a novidade de uma escola não presencial, mas percebem que ela não substitui o lugar que foi constituído para as crianças em nossa sociedade como direito, liberdade, participação e pertencimento. Que estas formas de perceber a impossibilidade de trocar brinquedos pelas crianças fortaleçam nosso compromisso de defender a urgência do retorno presencial seguro à escola como um direito conquistado.

QUE TEMPOS ESTAMOS CONSTRUINDO COM AS CRIANÇAS? NOTAS FINAIS

Podemos dizer que a pandemia colonizou os afetos, as intenções e os conteúdos culturais das conversas das crianças com seus professores, professoras e familiares. Isso indica que as conversações das crianças são construídas nos contextos histórico-culturais que vivenciam e são afetadas pelos acontecimentos sociais. As narrativas são, por outro lado, carregadas de conteúdo imaginário que servem à função de criar oportunidades de expressão dos sentimentos, de sentidos únicos e singulares para o que acontece, além de escapar das restrições do ambiente. Realidade e imaginação. Fantasia e realidade. Imaginário coletivo e pessoal, dessa forma, ajudam a construir formas de ser, saber e se posicionar em relação ao que acontece.

A reelaboração interpretativa que as crianças fazem por meio das conversas possui uma temporalidade única que expressa a dialética criança-mundo na construção de formas de sentir, perceber, imaginar e pensar o mundo como imprevisibilidade e provisoriedade. Formas de vivenciar as experiências de distanciamento social sem preocupação com certezas absolutas e imutáveis, mas com projeções de futuro cheias de sentido e significação. Essa temporalidade pode nos ajudar em tempos como este, que, sob a ameaça às liberdades individuais, têm sido construídos em vigilância ao que se diz, para quem e com qual finalidade.

Os desejos e projeções de futuro que as crianças fazem incluem sair dessa situação provocada por um vírus "mau", "ladrão" e "nojento". Elas querem vacina e "que a pandemia passe logo para o mundo voltar ao normal" (Matheus, 5 anos); que "esse bichinho da gripe vá embora logo" (Rafaela, 3 anos) para saírem

de casa e voltarem a ocupar os espaços públicos da escola, das praças e das ruas. Mas essas projeções esbarram no tempo que se arrasta para quem deseja o mais rápido possível voltar para a escola.

Mamãe, o coronavírus só vai acabar quando você estiver velhinha? Está demorando demais para ele ir embora (Maria Ísis, 5 anos).

Só pode ir para a escola depois da injeção do coronavírus e tá demorando muito (José Filipe, 3 anos).

A percepção de que a solução não chega não é uma prioridade dos adultos. A pandemia narrada pelas crianças é algo muito complexo que mudou sua rotina, retirou o direito de ir e vir, afastou as pessoas e fechou a escola. Os tempos dos acontecimentos e os tempos narrativos revelam a complexidade de ser criança em um cenário que aprisiona a liberdade, constrange as interações, ocupa um lugar nas brincadeiras, institui a doença e a morte como assunto e não oferece previsão de mudança.

REFERÊNCIAS

ARENDRT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Trad: Mauro W. Barbosa. 8a. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016. Texto original de 1954.

ARENDRT, Hannah. **A condição humana**. 10. ed. Tradução: Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO (ANPEd). **Educação à Distância na Educação Infantil, não!** Rio de Janeiro, 20 abr. 2020.

ABRANCHES, Sergio. A era do imprevisto. Entrevista com Sérgio Abranches. **Revista IHU on-line**. Instituto Humanitas Unisinos, São Leopoldo, 2017. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/186-noticias/noticias-2017/569217-entrevista-sergio-abranches-cientista-social-e-politico-a-era-do-imprevisto>. Acesso em: fev. 2021.

BENJAMIN, Walter. **A hora das crianças**: narrativas radiofônicas de Walter Benjamin. Rio de Janeiro: Editora Nau, 2015.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura (Obras escolhidas 1). São Paulo: Brasiliense, 1987a, p. 222-234.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. Tradução: Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2002.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução n. 05, de 17 de dezembro de 2009. **Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, 2010.

BRASIL. Lei nº 13.257/2016. **Marco Legal da Primeira Infância**. Brasília, 2016.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP nº 5/2020** do Conselho Nacional de Educação (CNE), que aprovou orientações com vistas à reorganização do calendário escolar e à possibilidade de cômputo de atividades não presenciais, para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da pandemia do novo coronavírus - Covid-19.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Rede Nacional de Dados em Saúde**. Brasília: MS/Departamento de informática do Sistema Único de Saúde do Brasil, 2021.

BRUNER, Jerome. **Actos de significado**. Tradução: Vanda Prazeres. Lisboa: Edições 70, 1990.

CABANELLAS, Maria Isabel; ESLAVA, Clara; ESLAVA, Juan José; POLONIO, Raquel. **Ritmos Infantis: tecidos de uma paisagem interior**. Tradução: Sonia Larrubia Valverde e Suely Amaral Melo. São Carlos: Pedro e João Editores, 2020.

CAMPOS, Maria Malta. Porque ouvir as crianças? A participação das crianças pequenas na pesquisa científica. *In*: CRUZ, Silvia Helena Vieira (Org.). **A criança fala: a escuta das crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008.

COUTINHO, Ângela Scalabrin; CÔCO, Valdete. Educação Infantil, políticas governamentais e mobilizações em tempos de pandemia. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, p. 115, jul. 2020.

CORSARO, William A.; MOLINARI, Luisa. Entrando e observando nos mundos da criança: uma reflexão sobre a Etnografia Longitudinal da Educação de Infância em Itália. *In*: CHRISTENSEN, Pia; JAMES, Allison. (Orgs.) **Investigação com crianças: perspectivas e práticas**. Porto: Ediliber, 2005.

CRUZ, Silvia Helena Vieira. Ouvindo crianças na Consulta sobre qualidade na Educação Infantil. *In*: CRUZ, Silvia Helena Vieira. (Org.). **A criança fala: a escuta das crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008.

DIESE. Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. **Sistema de consulta dos resultados da pesquisa da Cesta Básica Nacional**, 2020.

KOHAN, Walter. Tempos da escola em tempo de pandemia e necropolítica. **Prâxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, p. 1-9, 2020.

MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. **Arte & Ensaios**, n. 32, Universidade Federal do Rio de Janeiro, dez. 2016.

MEIRELES, Cecília. Reinvenção. *In*: MEIRELES, Cecília. **Flor de poemas**. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1972.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Plano de Pesquisa e Desenvolvimento**. Genebra: OMS, 2018.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Convenção sobre os Direitos da Criança**. Nova York: ONU, 1989.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

ROSEMBERG, Fúlvia. A criança pequena e o direito à creche no contexto dos debates sobre infância e relações raciais. *In*: BENTO, Maria Aparecida Silva (ORG.). **Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais**. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT, 2012. (p. 11-46).

ROSEMBERG, Fulvia. A cidadania dos bebês e os direitos de pais e mães trabalhadoras. *In*:

FINCO, Daniela; GOBBI, Marcia; GOULART, Ana Lucia. **Creche e feminismo: desafios atuais para uma educação descolonizadora**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2015.

SANTANA, Shirlei Cristina. Como ser mulher, mãe, esposa, filha e profissional em tempos de pandemia? *In*: SANTOS, Marlene Oliveira dos (Org.). **Educação Infantil em tempos de pandemia**. Salvador: EDUFBA, 2020.

SOARES, Leila da Franca; CANDA, Cilene Nascimento; CHAVES, Maiza Maciel. Pra não dizer que não falei das flores: a escuta de crianças no contexto da pandemia de COVID-19. *In*: SANTOS, Marlene Oliveira dos (Org.). **Educação Infantil em tempos de pandemia**. Salvador: EDUFBA, 2020.

SILVA, Isabel de Oliveira; LUZ, Iza Rodrigues; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Grupos de pesquisa sobre infância, criança e educação infantil no Brasil: primeiras aproximações. **Revista Brasileira de Educação**, vol. 15, n. 43, p. 84-97, 2010.

SILVA, Elenice de Brito Teixeira. **Atos de criação: as origens culturais da brincadeira dos bebês**. Tese de Doutorado. Belo Horizonte, MG: Universidade Federal de Minas Gerais, 2021.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA [Internet]. Rio de Janeiro: SBP [data desconhecida]. Menos Telas Mais Saúde. Disponível em: https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/sbp/mo_sbp_dez2019_menos_telas_mais_saude.pdf. 2019. Acesso em: 30 mar. 2021.

WOOD, Audrey. **A casa sonolenta**. São Paulo: Ática, 1984.